

## Editorial

Quando nos voluntariamos para editar a edição nº 27 da Revista Escrita, nunca imaginamos o quão árdua seria a concretização deste trabalho. Como se não bastasse o cenário político que enfrentamos com a tentativa do desmonte da Educação no Brasil, e as Universidades sofrendo pressões e ataques diretos, como o expressivo corte de bolsas de estudos, nos vimos diante do cenário apocalíptico de uma pandemia viral.

Tempos difíceis exigem medidas pensadas e muita calma. Assim, tivemos que estruturar nosso cronograma. Com as medidas de quarentena, a vida de todos sofreu uma grande mudança durante esses meses — e que ainda devemos manter enquanto não houver uma vacina que nos proteja da COVID-19. Não só passamos a trabalhar, mas também a viver dentro de casa. A mistura de nossas vidas pessoais, estudos acadêmicos e trabalhos trouxe algumas inquietudes. Não é fácil estar preso em casa quando o mundo continua em movimento. A sensação de impotência atingiu a todos em algum ponto. Contudo, também aprendemos a valorar momentos e coisas simples da vida, que muitas vezes ficam soterrados na estrada acelerada do cotidiano da cidade grande.

Para usar a palavra da moda, tivemos que ser muito resilientes. A equipe se uniu, se revezou, momentos em que um estava sufocado com outros trabalhos, o outro assumia as rédeas da revista que, afinal, não poderia esperar. Não importa ao cronograma se o apocalipse está no horizonte. Ainda assim, o cronograma esperou. Alargamos as datas, procuramos ser o mais compreensivos possível com os autores, pareceristas discentes e docentes; afinal, nenhuma lógica pode ser mais forte do que as relações humanas. Foi preciso comunicar com delicadeza e responder com muito coração.

Assim, é com orgulho que publicamos a edição nº 27 da Revista Escrita, a primeira publicada durante a pandemia, resultado de meses de trabalho. Um tema como o dessa edição, as relações entre arte e política, mais do que nunca se mostra pertinente: com os recentes e constantes cortes na arte, cultura, ciência e tecnologia, bem como com a ascensão do anti-intelectualismo, o próprio ato de ousar fazer arte se torna político. Sob a interseção desse escopo comum, buscamos reunir os mais diversos trabalhos, das mais variadas subáreas.

Iniciamos com a entrevista de Denis Mello trazendo com sua história em quadrinhos, *Teocrasília*, um instigante pensamento sobre um possível futuro político de nosso país. Em seguida, artigos sobre a importância da literatura no ensino de história, sobre obras distópicas, como *A nova ordem*, de Bernardo Kucinski (2019), sobre a relação das telenovelas com a política brasileira e, questões de identidade, como uma nova imagem para a mulher negra e a importância política do rap. Por fim, encerramos com um poema de um Brasil contemporâneo, uma ficção que reflete o momento da quarentena e uma narrativa que brinca com as regras da língua portuguesa e com a própria noção do tempo.

Desta forma, podemos dizer que são produções heterogêneas entre si, que também refletem por vezes os pensamentos confusos do momento, mas que são unidas por um fio de política que perpassa todo ser humano. Esperamos assim que os textos produzam diálogos e a construção de um futuro melhor.

Os editores, Camila Wielmowicki Uchoa e Sergio Schargel Maia de Menezes,  
Doutoranda e Mestrando em Literatura, Cultura e Contemporaneidade